



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE ETNODIVERSIDADE
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

SUZELI PEREIRA BARBOSA

Memória da educação na escola do campo São José do Jutai em Gurupá, no Pará

GURUPÁ-PARÁ

2020

SUZELI PEREIRA BARBOSA

Memória da educação na escola do campo São José do Jutai em Gurupá, no Pará

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal do Pará – UFPA, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Educação do Campo com ênfase em linguagens e códigos. Orientador: Professor Dr. Paulo Roberto Vieira.

GURUPÁ-PARÁ

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B238m Barbosa, Suzeli Pereira
 Memória da educação na escola do campo São José em Gurupá,
 no Pará / Suzeli Pereira Barbosa. — 2020.
 27 f. : il. color.

 Orientador(a): Prof. Dr. Paulo Roberto Vieira
 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Faculdade de
 Etnodiversidade, Campus Universitário de Altamira, Universidade
 Federal do Pará, Altamira, 2020.

 1. Memória . 2. Educação do Campo. 3. História Oral. I.
 Título.

CDD 370

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade descrever e refletir a trajetória da Escola São José do Jutai no Município de Gurupá, no Pará. Parte do percurso histórico da educação do Campo desse Município e da compreensão do processo de construção, de resistência camponesa e novas perspectivas de organização da referida escola. Como caminhos teóricos e metodológicos teve como enfoque a história oral, por meios dos conceitos apresentados por Freitas (2013), Thompson (1992), e Magalhães (2009) que permitiram reflexões sobre a importância do trabalho referente a memória e a educação do campo, bem como contribuíram para as coletas de dados e fontes documentais, através de instrumentos como a entrevista semiestruturada. Com base nas análises, o estudo demonstrou que a educação na Escola São José, bem como nas outras escolas do Município de Gurupá, constitui-se como um meio estratégico de melhorias no campo e que todas as lutas e desafios enfrentados ao longo do percurso visaram a qualidade da educação e a identidade cultural da comunidade com professores da localidade, mesmo que isto ainda represente um desafio constante.

Palavras-chave: Memória. Educação do Campo. História oral.

1. INTRODUÇÃO

Quando abrimos os baús das memórias, desvelamos os acontecimentos passados, damos voz e vida aos pensamentos daqueles que fizeram muito por nós, dando-lhes a oportunidade de reconstruir e refletir os acontecimentos dos quais participaram ou testemunharam. Assim, registrar um acontecimento passado é dar a oportunidade aos sujeitos que não participaram de vivenciar certo acontecimento por meio das vozes de seus protagonistas.

Por esta razão o interesse por esta temática “Memória educacional...”. Tudo começou a partir do meu ingresso no Curso de Educação do Campo¹, na Universidade Federal do Pará - UFPA, em 2016, onde passei a questionar e a refletir sobre a educação no Município de Gurupá. E no primeiro Tempo Comunidade - TC no contexto da organização curricular do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, ênfase em Linguagem e Códigos, foi realizado um diagnóstico na comunidade para saber os fatos

¹ O curso de educação do Campo é uma modalidade de ensino superior ofertados nas Universidades públicas que tem em sua organização curricular o regime de Alternância entre Tempo Universidade/ Comunidade. Essa modalidade especial para os jovens e professores do campo se difere dos outros modelos de ensino por proporcionar ao estudante a permanência em suas comunidades e uma formação que associa os conhecimentos da academia com os saberes populares, fazendo deste processo educativo uma incorporação das identidades camponesas e de seus territórios (CAMPOS & OLIVEIRA, 2012, p. 242).

mais relevantes do passado como a organização dos moradores, as histórias da comunidade e as lideranças que tiveram papel fundamental no protagonismo na história da educação escolar nesta comunidade.

Isso me motivou a obter mais informações de como ocorreu o processo educacional. Logo, eu me indagava, como surgiu a escola São José? Como era a educação antes na escola? Quem foram esses profissionais da educação? Por que as pessoas sempre falam da importância de terem professores da localidade? Quais as conquistas e desafios ao longo desse percurso educacional? A ideia, como se vê, foi de oportunizar aos sujeitos do lugar serem protagonistas também do relato de sua própria história, pois até então não houve nenhum registro referente à memória da educação escolar e, considerando tudo o que ela representa aos membros, para educação de seus jovens camponeses, jamais poderíamos deixar que essas lembranças ficassem apenas na cabeça que, frequentemente, parece um terreno baldio do esquecimento.

A comunidade São José, está localizada no rio Pucuruí, município de Gurupá, aproximadamente quarenta e cinco quilômetros de distância da cidade, é uma comunidade composta por mais de 60 moradores, onde as pessoas que nela vivem mantêm sua relação de trabalho com a natureza e tudo o que ela oferece. As principais atividades econômicas estão ligadas ao extrativismo, a caça, a pesca, a madeira e a agricultura de baixo impacto no meio ambiente, pois as relações de trabalho estão centradas na base familiar, comunitária e nas relações de compadrio ou parentescos. Essas produções estão voltadas para subsistência familiar, além de destinarem parte dessas produções nas práticas culturais da comunidade como festividades do padroeiro local e movimentos de outras congregações religiosas.

A Escola São José é uma escola de educação básica do município de Gurupá que atende mais de 70 alunos, seja da comunidade local ou próximas a ela, sendo uma das primeiras escolas fundadas nesta localidade. É fruto de uma árdua luta da comunidade local. É relevante mencionar que fui aluna desta escola durante todo meu ensino fundamental e que percebo o quanto as obrigações acadêmicas nos despertam a curiosidade de pesquisar e mais ainda de fazer um mergulho em nossa própria história.

Assim, essas memórias educacionais não serão contadas apenas pela falta de registro, mas também pela necessidade de ouvir e refletir as vozes dos sujeitos que participaram e ajudaram a construir esta memória-história. E aqui descreverei de forma

breve o perfil de cada um destes entrevistados: Foram as primeiras lideranças comunitárias e atuais que sempre estiveram à frente das reivindicações por melhorias educacionais; professores que lecionaram em diferentes fases da escola e foram fundamentais para construção dessa memória; uma servente, um diretor; alunos que estudaram em diferentes momentos, os quais foram essenciais para compreendermos os desafios enfrentados por eles durante a trajetória educacional.

Dessa forma este artigo foi construído a partir das narrativas desses sujeitos, dispondo de alguns registros documentais que serviram para analisar possíveis convergências dos depoimentos. Para a tarefa de entendimento dos relatos me vali de autores voltados à história oral como Sônia Freitas e Paul Thompson, e os estudo feitos por Magalhães no Município de Gurupá, quanto a Educação do campo, poder Local e políticas públicas.

Na primeira parte deste trabalho, apresento uma discussão sobre a memória e a história oral, norteadas nos caminhos teóricos e metodológicos da pesquisa. A segunda parte faz uma breve apresentação do local da pesquisa, a análise do processo inicial da escola antes de uma educação dita escolarizada; a escola como instituição e as novas mudanças no âmbito educacional com novos olhares a educação do campo. Por fim, a terceira parte foca no retrocesso da educação ligado às gestões políticas do Município de Gurupá.

2. MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL: Caminhos Teórico-metodológico

Nesta pesquisa se utilizou o método qualitativo-descritivo, o qual proporciona ao pesquisador descrever a compreensão detida dos sujeitos sobre o tema estudado. Refletindo e analisando os dados coletados junto às teorias e os registros documentais, pois como afirma Deslandes (2012) a pesquisa qualitativa se dedica a analisar a realidade vivida, já que “O ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que o faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada por seus semelhantes” (DESLANDES, 2012, p.21).

Associado ao método qualitativo utilizou-se também a coleta de fontes orais à luz da História Oral, já que ao definir o objeto de pesquisa encontrei muitas dificuldades em achar fontes documentais para ter como modelo que permitisse a comparação dos

fatos. Mas a vontade de realizar um trabalho como este, levou-me ao encontro da ideia de recolha de história oral, pois, como Afirma Sônia Freitas (2013):

A História Oral possibilita novas versões da História ao dar voz a múltiplos e diferentes narradores. Esse tipo de projeto propicia sobretudo fazer da História uma atividade mais democrática, a cargo das próprias comunidades, já que permite produzir história a partir das próprias palavras daqueles que vivenciaram e participaram de um determinado período, por intermédio de suas referências e também do seu imaginário. O método da História Oral possibilita o registro das reminiscências das memórias individuais, a reinterpretação do passado, enfim, uma história alternativa à história oficial (FREITAS, 2013, p. 79-80).

Desta forma percebemos a importância da História Oral, pois ela veio ao encontro das dificuldades se mostrando como principal caminho “na busca de construir acervo que vai além do papel, e passa a valorizar a voz humana como fonte de pesquisa”. (BEZERRA, 2013, p. 41). Assim se torna tão evidente que a coleta de fontes orais à luz da História Oral, ao buscar compreender o percurso formativo de um grupo ou de uma comunidade, se mostra tão confiável como as outras fontes consideradas mais tradicionais, buscando a partir da memória daqueles que vivenciaram essa experiência.

Tudo isso me deu à luz de que estava diante de fontes vivas e concretas que permitiriam registrar a memória educacional da escola São José. E por saber que a maioria das pessoas, as quais estiveram envolvidas nesse processo, estavam dispostas a contribuir com a pesquisa, fornecendo documentos e principalmente através de seus relatos coletados em entrevistas.

Certamente é no momento de realizar a entrevista que o informante constrói, redimensiona e direciona suas informações, o que gera a necessidade de que o pesquisador se utilize de métodos que possam assegurar o resultado de sua pesquisa, pois o método adotado será o caminho para alcançar o objetivo pretendido. “Entretanto o resultado de uma pesquisa em História Oral irá depender da cultura histórica do pesquisador e da sua base teórica” (FREITAS, 2013, p. 81).

Nessa mesma vertente Thompson (1991) diz que antes de realizar as entrevistas é necessário fazer uma preparação cuidadosa da maneira como se vai perguntar, pois isto se faz necessário em qualquer entrevista. Outro ponto importante a se definir é o local onde você pretende entrevistar, propõe-se que seja preferencialmente onde o entrevistado se sinta à vontade e familiarizado como na casa, no barracão comunitário da comunidade, em conversas após as entrevistas. Isso contribuiu nas recordações dos entrevistados que

trouxeram à tona questões relevantes que cooperaram para novos questionamentos e no enriquecimento da pesquisa.

Como vimos, para realizar uma entrevista é necessário seguirmos vários métodos para reconstruir a história de vida de um sujeito, de um grupo ou de uma comunidade. E a memória se torna fonte importante do conhecimento acumulado do indivíduo ao longo de suas vivências, é na entrevista que o ato de rememorar é acionado no momento que se começa a recordar, para Le Goff:

A memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que representa como passadas (LE GOFF, 2003, p.419).

Logo, ainda acompanhando Freitas, percebemos a importância da memória no contexto social, nas relações de coletividades e pensamentos comuns, pois as lembranças individuais sempre estão relacionadas ao envolvimento do sujeito com o mundo e seu grupo social. Por essas circunstâncias a memória coletiva é a que mais interessa ao historiador, pois as evidências dos fatos se tornam mais fundamentadas quando as lembranças são reconstruídas e quando todos participaram deste mesmo acontecimento que a “história se apodera da memória coletiva e a transcreve em palavras “É nesse momento que a história dá voz ao ‘povo’ pela primeira vez” (FREITAS 2019, p. 58).

Então posso dizer que esta pesquisa também se constitui como um “campo do pensamento” (BOSI 1994, p. 21) e se encontra no exercício da escrita, nas vozes que realizaram um constante esforço ao tentar lembrar o que fizeram e nas variadas vezes que tive que refazer o percurso do caminho na tentativa de novas interpretações.

3. DESCRIÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O Município de Gurupá está localizado na mesorregião do Marajó, onde boa parte da população ainda se concentra no campo. Gurupá é município conhecido pelos seus patrimônios históricos como o Forte de Santo Antônio e por realizar uma das maiores manifestação religiosas da região, a festa de São Benedito que reúne milhares de fiéis. A comunidade São José do Rio Pucuruí, local onde foi realizado esta pesquisa, se localiza

a uma distância de aproximadamente 45 km da cidade de Gurupá por vias terrestres e duas a três horas de viagem de barco.

Por fazer parte da área de RESEX² Gurupá-Melgaço, que possui 145.297 hectares, a base socioeconômica das famílias se baseia no extrativismo florestal, seja o açaí, a madeira, o fruto e o palmito. Além do cultivo da mandioca para a fabricação de farinha e de seus derivados como tucupi, beiju, tapioca, bem como o caça e pesca realizadas apenas para o consumo próprio da família. Essas atividades contribuem com metade da renda dessas famílias que ainda são amparados pelo programa Bolsa família, enquanto alguns são funcionários públicos.

Essas variedades de atividades se dão pela diversidade do solo que é composto por várzea e terra-firme, então algumas famílias dedicam suas atividades ao plantio de açaizeiro e nas lavouras temporárias como o milho, o feijão e jerimum. Por outro lado, outras famílias aproveitam as terras-firmes que embora fiquem distante de suas casas, são favoráveis para cultivarem a mandioca e, dessa forma, todos conseguem ter uma renda familiar.

Na comunidade São José existem três Igrejas evangélicas, uma Igreja Católica, duas escolinhas, e uma escola polo. Apenas a escola São José possui um sistema de tratamento de água. Para se locomoverem até a sede do Município os moradores se utilizam de transporte de linhas ofertados pela prefeitura ou particular, mas a maioria se utiliza de transportes fluviais como motores rabetas ou barcos para chegarem a sede do município. A comunicação é feita ainda por meio de rádio comunitária do Município e televisão, o fornecimento de energia é por motores geradores de energia próprio de cada morador e só funciona por um determinado tempo por dia por conta do seu elevado custo de funcionamento e manutenção.

² RESEX é uma categoria de unidade de Conservação de uso sustentável, estabelecida pela lei 9.985/2000, Lei do Sistema nacional de Conservação – SNUC.

4. A ORIGEM DA ESCOLA SÃO JOSÉ (1957)

A Escola São José do Jutai originou-se, nas observações de Luiz Barbosa³ e Raimundo Barbosa⁴, nos anos de 1957, com um ensino promovido pelos próprios moradores. Nesse período poucas famílias moravam no local da comunidade, era o total de 16 famílias e algumas dentro do igarapé Santa Cruz. A situação das famílias era precária, pouco se tinha para comer, vestir.

A maioria das terras estava nas mãos de patrões, mas depois foram feitos mapeamentos das terras em torno da comunidade e divididas para os moradores. Então Seu José Furtado Pimentel, um dos moradores que tinha maior influência, juntamente com outra, Feliciano Barbosa, se mobilizaram e construíram um pequeno barraco para que as pessoas pudessem se alfabetizar. Seu Casimiro da Fonseca, que era uma das pessoas que tinha maior escolaridade, foi designado para alfabetizar algumas pessoas. O objetivo era apenas aprender a assinar o nome, pois todos tinham que trabalhar na coleta da seringa e o estudo não colocava comida na mesa, então os jovens não davam tanta importância.

O Professor Casimiro da Fonseca era rígido com seus alunos, pois quando alguém fazia algo que era considerado errado era disciplinado com uma palmatória. Neste período alguns materiais eram fornecidos pela prefeitura⁵ para os alunos como caderno e as canetas de pincel, os alunos não podiam deixar molhar nem rabiscar qualquer tipo de livro, vale ressaltar que nesse período a escola ainda não tinha nome, era conhecida apenas pela propriedade Santa Rosa, e quem fazia o pagamento do professor era o seu Pimentel. Portanto, sem nenhum vínculo direto com o sistema de ensino municipal, a escola nesse início promovia um “ensino não reconhecido pelos órgãos da educação escolar”.

³ Nascido em 1940, solteiro, é morador da comunidade São José até os dias atuais e durante esse tempo presenciou momentos importantes da comunidade.

⁴ Nascido em 1945, viúvo, foi uma das primeiras lideranças da comunidade São José, teve um importante trabalho juntamente com as outras lideranças tanto na parte religiosa quanto social, e atualmente se mora na sede do município.

O estudo se dava em duas etapas, na primeira era ensinada apenas a cartilha do ABC, já a cartilha popular era opcional. Desta forma, o professor Casimiro da Fonseca teve seu papel fundamental ajudando para que muitas pessoas assinassem seus nomes, como seu Raimundo Barbosa afirma: “eu aprendi só 12 letras e com isso hoje graças a Deus sou um homem que já vivi muitos anos aqui só de papel”⁶. Sem dúvida a educação informal teve sua importância para aqueles que não tinham oportunidade de estudar na escola, pois esse era um lugar privilegiado, frequentado apenas pelos filhos dos patrões.

Para que as escolas se tornassem uma realidade no campo foram necessárias muitas articulações que surgiram das organizações do movimento social de Gurupá, com o nascimento das Comunidades Eclesiais de Bases - CEB's, nos anos 1970 abrangendo todos os setores⁷ do município. E também com a chegada do padre Italiano Giulio Luppi que, inspirado na Teologia da libertação, assumiu uma igreja a serviço do povo e de suas necessidades; promovendo a organização popular, “construindo uma consciência crítica, engajada,” (Magalhães, 2009, p. 36) e libertadora, em contextos antes de passividade.

Assim, para a construção de uma sociedade que lutasse pelos seus direitos essa ala da Igreja católica sempre proporcionou muitas formações, visando não apenas o compromisso como cristãos, mas possibilitando-os de conhecer seus direitos e lutarem por eles:

À luz dessa realidade apontou-se um novo rumo de organização dessa vez não mais organizada pelos patrões e governantes, mas pelos pobres. Os pobres que eram excluídos, sem voz, analfabetos e desinformados. Foram esses pobres que no decorrer dos anos começaram um trabalho uma teologia libertadora, podemos afirmar que foi um ano de pentecoste (Atos dos Apóstolos, Cap.2), (PANTOJA, 2016, p. 51).

Essa posição da Igreja impulsionou a organização de lideranças comunitárias que passaram a questionar o poder local e a reivindicar direitos básicos, entre eles o acesso à educação escolar de filhos de trabalhadores rurais em diferentes localidades do interior do município. Na comunidade São José aconteceu o mesmo após a fundação (1974), as primeiras lideranças que surgiram nessa formação de comunidade começaram a

⁶ Barbosa, Raimundo. Entrevista. Gurupá, 2019. Esta entrevista foi realizada na sala de sua casa, por Suzeli Barbosa.

⁷ Os setores pastorais da paróquia de Gurupá, são conhecidos por rios quando possuem mais de uma Comunidade Eclesial de base em sua extensão fluvial. Na Paróquia são 11 os setores pastorais: Setor Moju, Mararu, Baquiá, Marajoí, Pucuruí, Amazonas, Cojuba, Ipixuna, AGRIF, BAGIM e Cidade (LOPES APUD BARBOSA, 2018. p. 35)

reconhecer novas demandas sociais e políticas entre elas o anseio pela educação que, sobretudo, seria uma conquista importante a essas pessoas que viviam distanciadas e com ausência de conhecimentos de direitos.

Esses movimentos organizados pelos próprios sujeitos na ampliação dos conhecimentos de seus direitos, principalmente no que se remete a educação, “tem duplo escopo de resultados: ao mesmo tempo em que vai se formando os próprios trabalhadores e ampliando sua consciência, também vai fazendo avançar a visão e compreensão da sociedade sobre esses trabalhadores como sujeitos portadores de direitos” (MOLINA, 2012, p. 585).

FIGURA 1: Comunidade São José e ao lado a estrutura onde funcionou a escola no ano de 1982



Fonte: Programa da Festividade de São Benedito, da paróquia de Santo Antônio de Gurupá, 2014

Desta forma, é inevitável falar do percurso educacional da escola São José sem mencionar o papel fundamental da Igreja na formação de lideranças que foram protagonista nas conquistas relacionadas a educação escolar como acrescenta Raimundo Sivaldo Barbosa Paixão⁸, “Posso afirmar que durante todo o percurso da escola a comunidade sempre teve um papel atuante fazendo diversas mobilizações para que tudo o que temos hoje fosse de fato concretizado”⁹.

⁸ Nascido em 1974. É a atual liderança da comunidade e teve seu papel fundamental nas mobilizações referente a educação escolar.

⁹Paixão, Raimundo Sivaldo Barbosa. Entrevista. Gurupá, 2019. Entrevista realizada no barracão comunitário da comunidade São José no Rio Pucuruí, por Suzeli Barbosa.

5. A ESCOLA COMO INSTITUIÇÃO FORMAL DE ENSINO (1985-1999)

Na sua segunda fase a escola é reconhecida como instituição educacional, fundada em 1985, e recebendo o nome de São José do Jutai, oriundo do padroeiro da comunidade. O reconhecimento da escola como instituição se deu pelo fato do ensino ser uma reivindicação dos próprios sujeitos do local e de todo o município, com o incentivo dos movimentos sociais e da igreja católica, como vemos anteriormente essas lideranças passaram a se mobilizar e se posicionar como sujeitos de direitos. Logo as gestões municipais passaram a reconhecer a necessidade de ofertar o ensino no campo, mesmo com situações precárias nas estruturas físicas, onde iria funcionar essas escolas.

Assim, nesse mesmo ano (1985) a escola São José do Jutai inicia seu processo de ensino no Governo do prefeito Municipal José Barreto de Melo. Como já havia sido autorizado o funcionamento da escola, mas não tinha estrutura própria, as lideranças decidiram fazer uma pequena casa para os alunos estudarem, pois se sentiam responsável por essa conquista. Essa estrutura era feita de tábuas e coberta com folhas de palmeiras. A primeira professora a lecionar foi a Maria Nair Fonseca dos Santos, com o ensino de 1ª a 4ª série. Nesse período não havia exigência de nível mínimo de graduação para o exercício da docência, quem havia concluído a 4ª e 5ª séries já podia lecionar. Como a estrutura era bastante precária os pais dos alunos improvisavam bancos para os alunos estudarem.

A dificuldade era tamanha que além das “duas horas de remo para chegar a escola, ainda tínhamos que assumir outras funções. Infelizmente não tínhamos como fazer um registro fotográfico desse período, apenas conto com as lembranças do que vivenciei¹⁰. A professora era responsável por se locomover até a cidade em busca de material didáticos para dar aulas e também para os estudantes. E mesmo com essas intervenções a professora Maria Nair continuou em seu cargo e só após sua demissão em 1988 que outras

¹⁰ Santos, Maria Nair Fonseca dos. Entrevista. Gurupá, 2020. Está entrevista foi realizada em sua residência no Bairro do Horto, por Suzeli Barbosa

três professoras vieram lecionar entre os anos de 1989 e 1991 que foram Maria Benedita Ferreira dos Santos, Sandra de Almeida Pantoja e Arlete Peixoto.

Já no ano de 1992, bem como no 1º semestre de 1993, a escola foi desativada por carência de professores na cidade e por falta de assistência administrativa. E no primeiro mandato do prefeito Manoel Moacir Gonçalves Alho surgiu o projeto Gavião¹¹, houve um curso de habilidades para capacitação de professores ofertado em parceria com a Universidade Federal do Pará. Isso aconteceu a nível do município e na comunidade São José foram escolhidos dois candidatos (alunos), Ismael de Jesus Barbosa Paixão¹² e Célis de Souza Barbosa, ambos somente com a 4ª série completa.

Assim, o Professor Ismael assinou um contrato de seis meses, de 12 de agosto a 30 de dezembro de 1993. O professor trabalhava em um barracão comunitário com uma turma de 45 alunos, todos na primeira série, com faixa etária de 07 a 18 anos de idade. Além do mais, não havia servente e a merenda era feita pelo próprio professor, ou por algumas mães de alunos que se disponibilizavam. “Esse isolamento acarreta uma sobrecarga de trabalho ao professor, que se vê obrigado nessas escolas ou turmas, a assumir muitas funções além das atividades docentes” (HAGE, 2011, p.100). Também não havia transporte escolar, todo o percurso era feito de canoa, sendo essa uma das maiores dificuldades relatadas por João de Souza Barbosa¹³:

A gente se acordava cedo para chegar até a escola, umas 5 horas da manhã para se arrumar e 6 horas a gente saía com 1 hora de remo para chegar a tempo, umas 7 horas ou 8 horas, e era uma das dificuldades nesse tempo principalmente no período de inverno que é chuvoso e a gente chegava todo molhado na escola, o material ficava molhado¹⁴.

Em 1996 devido ao barracão comunitário não oferecer condição estrutural, o senhor Manoel João morador da comunidade, cedeu a sala de sua casa, onde eram desenvolvidas as atividades com uma turma de 35 alunos de 1ª e 2ª séries. Isso porque a

¹¹ Projeto Gavião foi coordenado pela Pró-reitoria de Extensão da Universidade federal do Pará, destinado a formar professores no interior do Estado do Pará na educação Infantil, Ensino Fundamental (anos iniciais) e educação dos Jovens e adultos (MAGALHÃES, 2013, p. 51).

¹² Graduado em Sociologia pela Universidade Federal do Pará, exerce a profissão desde 1993 até os dias atuais sendo o único professor concursado da comunidade.

¹³ Graduado em Matemática pela UFPA, foi aluno da escola São José onde também exerceu a docência e se tornou efetivo da escola como agente administrativo, atuou dois anos como coordenador em cargo convencionado e pediu exoneração do seu cargo para atuar como professor.

¹⁴ Barbosa, João de Souza. Entrevista. Gurupá, 2020. Realizada na sala de residência, por Suzeli Pereira

maioria dos alunos foram aprovados e passaram a cursar a 2ª série do ensino Fundamental, graças ao incentivo pedagógico do método de Paulo Freire que,

Contradizendo os métodos de alfabetização puramente mecânicos, projetávamos levar a termo uma alfabetização direta, ligada realmente à democratização da cultura e que servisse de introdução; ou, melhor dizendo, uma experiência susceptível de tornar compatíveis sua existência de trabalhador e o material que lhe era oferecido para aprendizagem (FREIRE, 1921, p.22).

Além disso o professor era responsável por expedir o boletim de todos os alunos e realizar a matrícula, sendo sua comunicação diretamente com a SEMED¹⁵. Em 1997, no governo de Cecília Palheta, a comunidade se reuniu e construiu um pequeno barraco comunitário onde funcionou as atividades, e a cada ano surgia uma nova série em oferta. Em 1998 começou-se a trabalhar com 1ª e 4ª séries do ensino Fundamental, com uma turma de 39 alunos, ainda não existia funcionários de apoio e quem exercia as funções todas era o professor.

No ano de 1999 foi construído um prédio escolar, pela prefeita Benedita Cecília Palheta Pereira, e trabalhava-se com um número menor, apenas 30 alunos, pois alguns foram para cidade cursar a quinta série, porque não tinha a oferta do fundamental maior no interior.

São muitos os fatores que evidenciam a falta de estrutura e a sobrecarga de trabalho em classes multisseriadas, bem como a oferta de ensino limitada para as escolas do campo, “fortalecendo ainda mais o estigma da escolarização empobrecida e abandonada que tem sido ofertada no meio rural e forçando as populações do campo a se deslocarem para estudar na cidade, como solução para essa problemática” (Hage, 2011 p.99).

6. MUDAÇAS: UM NOVO OLHAR PARA ESCOLAS DO CAMPO (2002-2017)

No ano de 2002 começaram a surgir mudanças importantes relacionadas à educação no Município de Gurupá pelas novas gestões municipais, que começaram a se preocupar com uma educação que respeitasse a realidade do sujeito e suas especificidades locais. Como afirma Magalhães (2009), esse procedimento envolveu toda a sociedade

¹⁵ Secretaria Municipal de Educação

gurupaense em um processo democrático em favor de uma educação popular¹⁶ em parceria com o conselho Paroquial¹⁷ de Gurupá. Daí começou a se pensar em alternativas que atendessem os anseios da população, como acrescenta Magalhães:

No documento que registra essa parceria fica claro o desejo em construir políticas públicas educacionais que valorizassem os mais de trinta anos de caminhada de educação popular no município, respeitasse a realidade local, bem como a potencialização do educando como protagonista da ação educativa (MAGALHÃES, 2009, p. 52)

Essas mudanças refletiram na realidade das escolas do meio rural, especialmente na Escola São José, na gestão do primeiro mandato do prefeito Nogueira (2003), surgiu a oferta do transporte escolar. O nível de escolaridade oferecido, que antes era até a 5ª série, passou até 6ª série e o quadro funcional aumentou para quatro professores: Maria Nair, Rosângela Gonçalves, Fátima Barbosa e Raimunda Barbosa.

Desta forma, em 2005, a escola já passou a ofertar o ensino infantil (creche), a 8ª série, com uma servente contratada e um diretor do polo Pucuruí, mas ainda se tinha a grande necessidade de pessoas que fossem da comunidade para lecionar conforme diz João de Souza Barbosa:

Nesse período havia uma constante reclamação das lideranças referente ao professores que vinham trabalhar na escola, tinham família que residiam na cidade e toda essa ausência dificultava a aprendizagem dos alunos, pois sempre eles retornavam para a cidade nos finais de semana para resolver algum problema que surgia, e aí eles ficavam na cidade e os alunos perdiam aulas e por essas situações que a comunidade se mobilizou e pediu que contratasse, já que seria muito mais viável a permanência de professores que eram da localidade¹⁸.

Essa vontade de ter professores da localidade ficou ainda mais urgente quando os alunos foram estudar na cidade. O Ensino Fundamental e o Ensino Médio estavam em fase de conclusão, assim as lideranças mobilizaram, no final do ano de 2006, um abaixo

¹⁶ Para Paludo (2012), a educação popular tem origem nos modos de organização da sociedade e indica a necessidade de reconhecer a luta dos trabalhadores e populares mais pobres na busca pelo reconhecimento de que a educação popular visa formar sujeitos que sejam capazes de transformar a própria realidade seja na escola quanto nos espaços não formais.

¹⁷ O conselho paroquial é órgão articulador e organizador das comunidades, representado pelas lideranças de todos os setores e o pároco da Igreja que se reúne 03 vezes ao ano para avaliar e acompanhar os trabalhos das comunidades e está atuante desde sua criação (1975).

¹⁸ Barbosa, João de Souza. *Op. Cit.*

assinado reivindicando o contrato desses alunos: João de Souza Barbosa, Felix de Souza Barbosa e Domingas Soares Pereira¹⁹ que começaram a trabalhar no início de 2007.

A volta dos ex-alunos à escola como professores foi muito importante para todos, pois os comunitários sempre tinham essa visão que quanto mais houvesse professores da localidade seria muito melhor, eventualmente esse educador era acostumado com os modos de vida local e isso servia como um incentivo. Assim também afirma Arroyo (2012) que para a consolidação de uma educação específica para escolas do campo é necessário um corpo de docente que se identifique com a realidade dos sujeitos do campo, só assim será possível garantir o direito à educação básica de qualidade.

Com essas novas demandas de alunos e funcionários a educação infantil funcionava na escolinha e o ensino fundamental no barracão comunitário cedido pela comunidade, dividido por lonas. Como as turmas funcionavam também em multissérie havia ainda uma estrutura da Capela da comunidade na margem do rio em frente à escola que, após algumas melhorias feitas, serviu como espaço educacional.

Essa é uma realidade das escolas multisseriadas, a improvisação constante, pois “são escolas que apresentam infraestrutura precária: em muitas situações não possuem prédio próprio e funcionam na casa de um morador local ou em salões de festas, barracões, igrejas, etc. – lugares muito pequenos, construídos de forma inadequada” (HAGE, 2011, p. 99).

FIGURA 2: A Escolinha e o barracão comunitário, onde funcionava a escola São José, em Gurupá, no Pará. Desde o ano de 1997 até 2008.



Fonte: Acervo da Pesquisadora.

¹⁹ Graduada em Letras pela Universidade Federal do Pará, é professora pertencente a localidade e atualmente é servidora pública no Município de Porto de Moz na área de serviços gerais.

Como vemos, o espaço era pequeno para o total de 200 alunos, por isso, surgiu a necessidade de reivindicar um local adequado para que os alunos pudessem estudar. Isso dividiu a comunidade, pois um grupo gostaria que a escola fosse construída na outra margem do rio, que era zona de terra-firme²⁰, e as lideranças da comunidade eram de acordo que fosse ao lado da estrutura religiosa da comunidade. Na primeira votação o grupo apoiado pelas lideranças perdeu por um voto de uma pessoa que não pertencia ao local, então, para decidir essa situação, as colaborações das lideranças Raimundo Sivaldo e Venancio de Souza Barbosa foram essenciais:

Foi que com toda essa divisão para decidir onde seria o local para construírem a escola que as duas lideranças que eram também afiliados do PT, Venâncio de Souza Barbosa e Raimundo Sivaldo paixão tomaram iniciativa e vieram ao encontro do prefeito Raimundo Nogueira e ele autorizou para fazerem o mutirão. O Venâncio reuniu 22 pais para realizarem o mutirão e passado dias depois dessa limpeza do local onde seria feito a escola o prefeito mandou os carpinteiros e todos os materiais para a construção do escolão, mais ainda o prefeito pagou o valor, que o outro grupo tinha realizado a limpeza na propriedade de um morador para fazerem essa escola²¹.

Em 2008, a nova escola foi concluída oferecendo um espaço adequado para os alunos estudarem, essa conquista representa um marco para a comunidade que sempre lutou por melhorias no âmbito educacional, desde a sua fundação. E com um concurso público em 2009, a escola ganha novos funcionários como merendeiras, contínuos e agente administrativo.

²⁰ “A terra firme ocupando 23,8% da superfície total do município ‘são trechos de terra que não sofrem as inundações periódicas das águas’” (Magalhães, 2009, p. 31).

²¹ Barbosa, Francilene Pereira. Entrevista. Gurupá, 2020. Realizada na cozinha de sua residência, Por Suzeli Barbosa

FIGURA 3: A primeira turma a estudar na nova estrutura da escola São José do Jutai, em Gurupá, no Pará juntamente com os funcionários e professores em 2008.



FONTE: Arquivo pessoal de Benedito Mauro Capela (2008).

Mas ainda havia muitas questões a serem melhoradas, como um diretor que estivesse acompanhando os trabalhos dos professores, ou como a chegada da merenda escolar nas escolas no prazo previsto, sem atrasos. E com essas novas demandas, o polo Pucuruí foi dividido em duas áreas, I e II; a área II abrangia a escola São José e três escolinhas anexas a ela, e coube aos pais decidirem quem seria o coordenador. Foram apresentados dois nomes para o processo eletivo, o professor Ismael Paixão e o agente administrativo João Barbosa, e a maioria elegeu João Barbosa para assumir dois anos como coordenador.

Como coordenador da escola, ele sentia a necessidade de acompanhar os professores que estavam atuando e foi responsável por inserir os dados da escola em alguns programas do Governo Federal, entre esses programas a instituição foi contemplada com o Mais Educação, pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, para complementar a aprendizagem dos educandos. A Escola do Campo, incentivando os alunos no cultivo de canteiros sustentáveis e plantio de espécies locais. Outro programa foi o Atleta na Escola com intuito de incentivar o esporte na escola e outros programas como o PDDE²² Campo/Estrutura destinados a pequenos reparos na

²²O PDE consiste na assistência financeira as escolas públicas da educação básica das redes estaduais, municipais e do Distrito Federal e às escolas privadas de educação especial mantidas por entidades sem

estrutura da escola, por meio do qual foi possível adequar o banheiro e comprar materiais como impressora, notebook e projetor multimídia. Além do PDDE Água destinado para construir um sistema de tratamento de água.

FIGURA 4: Foto da escola São José do Jutai, de Gurupá, no Pará, 2017.



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Além de todos esses programas que só vieram contribuir com a melhoria da infraestrutura da instituição, ao mesmo tempo, muitos professores que atuavam sem formação, conseguiram ser inseridos no PARFOR²³, essa foi a porta de entrada de professores que atuavam no interior de cursarem o nível superior. Desta forma os professores que eram da localidade como João de Souza Barbosa, Andrea dos Santos²⁴, Domingas Soares, Tedson Araújo de Almeida²⁵ e Ismael de Jesus conseguiram ser inseridos nesse programa de formação continuada de professores, pois são docentes que não possuem formação específicas na área em que atuam em sala de aula.

Vale aqui ressaltar o que diz Arroyo (2012) referente às formações únicas dos professores que não se diferenciam do modelo urbano “a formação vê os povos-escolas do campo como uma espécie em extinção, e privilegia transportar para as escolas do campo professores da cidade sem vínculos com a cultura e os saberes do campo”

fins lucrativos. Disponível em <<http://portal.do.mec.gov.br/financiamento-estadual/dinheiro-direto-na-escola>> Acesso em 3 ago. 2019.

²³Programa Nacional de professores da educação básica, destinado a professores atuantes sem formação adequada as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional -LDB.

²⁴ Graduada e Historia (UFPA), foi professora a 14 anos na escola São do Jutai, atualmente é servidora contratada pelo estado para atuara nas turmas de Ensino Médio regular.

²⁵Graduado em educação física (IFPA), faz parte do grupo de professores formados pelo PARFOR que pertence a comunidade São José, atualmente, trabalha em uma escola vinculada ao Município de Porto de Moz.

(ARROYO, 2012, p. 359). O que podemos dizer é que o sistema de ensino nesta escola do campo só foi possível porque esses professores eram pessoas da localidade e se identificavam com a realidade da comunidade.

Tudo isso ocorreu durante os anos de 2013 e 2016, a escola contava com sete funcionários de apoio efetivo, e seis professores da localidade em processo de formação, implementando novas metodologias em sala de aula. Neste ponto, a escola chegou no melhor momento que se podia imaginar em termos de educação de qualidade naquela comunidade, os alunos vinham para a sala de aula com interesse em estudar e aprimorar seus conhecimentos, embora as turmas fossem multisseriadas como é relatado abaixo:

Antes da formação o professor trabalhava com essas áreas específicas e ia ensinando do jeito que ele achava necessário. Então a partir da formação dos professores o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos começou a melhorar, bem como a participação dos pais na escola²⁶.

Todas essas melhorias puderam potencializar uma educação que respeitasse a história de vida desses educandos, do mesmo modo os pais passaram a participar com mais frequência da vida escolar dos seus filhos, seja nos momentos de formatura, datas comemorativas e principalmente por meio do conselho escolar, pois essa estância deliberativa permitia que a autonomia dos pais, de lideranças e alunos contribuísse, pois nos bastidores eles opinavam, participando da educação, bem como em outros eventos. Esse modelo de educação, se remete ao que diz Freire (2001) sobre a educação popular, pois “é a que, em lugar de negar a importância da presença dos pais, da comunidade, dos movimentos populares na escola, se aproxima dessas forças com as quais aprende para elas poder ensinar também” (FREIRE, 2001, p. 47).

²⁶Barbosa, João de Souza. *Op. Cit.*

FIGURA 6: Momento de reunião interna do conselho escolar, com pais, alunos, professores e funcionários de apoio na Escola São José do Jutai, de Gurupá, no Pará no ano de 2014.



Fonte: Acervo de João de Souza Barbosa.

FIGURA 5: Participação especial da escola São José do Jutai, de Gurupá, no Pará, ano de 2015. No encontro dos Povos das Águas e das Florestas, promovido pela Paroquia de Santo Antônio de Gurupá.



Fonte: Acervo de João de Souza Barbosa.

Notavelmente, a comunidade, que se sentia responsável pela escola, sempre esteve presente no direcionamento das políticas educacionais na comunidade. Esses momentos eram considerados únicos na escola, porque todos se sentiam na obrigação de manter essa estrutura democrática que dava oportunidade a todos e como Freire aponta:

Não pode haver caminho mais ético, mais verdadeiramente democrático do que testemunhar aos educandos como pensamos, as razões por que pensamos desta ou daquela forma, os nossos sonhos, os sonhos porque brigamos, mais ao mesmo tempo, dando lhes provas concretas irrefutáveis, de que respeitamos suas opções em oposição as nossas (FREIRE, 2001, p. 21).

Esse é o caminho, a qual as escolas do campo deveriam seguir, uma educação que não ficasse apenas submissa ao espaço da escola, mas aquela que dá oportunidade aos discentes de participar e lutar pelos próprios direitos, como sujeitos da própria educação.

7. DAS CONQUISTAS AO RETROCESSO: Reflexos das gestões políticas na educação básica das escolas do campo

Como percebemos durante todos esses anos as conquistas foram fundamentais para o avanço da educação nessa comunidade. Mas em 2017, a mesma se viu diante de um novo cenário estrutural político que não respeitava a história de anos de organização local e Municipal.

A Comunidade assistiu ao desmoronamento de suas conquistas educacionais. Tudo isso começou quando o novo governo municipal eleito iniciou seu governo fazendo mudanças em todos os setores, mas, especialmente, no âmbito educacional. As mudanças começaram com a demissão dos professores da localidade, os quais tinham formação de nível superior, mas eram contratados, ficando a maioria fora do quadro funcional de professores. Dentre os que atuavam, apenas um permaneceu porque era concursado. Isso afetou significativamente a organização que há tempos vinha sendo construída e que começava a dar certo.

Com essa postura administrativa, o governo estava contradizendo o que compete aos municípios após a implantação da LDB²⁷. Conforme essa lei, os governos devem passar a assumir novas competências essenciais para o gerenciamento educacional. E ainda delega aos municípios o compromisso de adequar o ensino de acordo com a sua realidade, conforme consta em seu Art. 23º:

Art. 23 – A educação básica poderá organizar-se em séries anuais, períodos semestrais, ciclos, Alternância regular de períodos de estudos, grupos não seriados, com base na idade, na competência e em outros critérios, ou na forma diversa de organização, sempre que o interesse do processo de aprendizagem assim o recomendar

²⁷ Lei de Diretrizes e bases da educação nacional.

Mas, na prática, acontece que os municípios acabam se aproveitando dessa autonomia e passam a ofertar um ensino urbanocêntrico, deixando as escolas do campo em situação de precariedade.

Essa nova postura do governo, gerou uma grande evasão de alunos, pois muitos pais, não aceitando que seus filhos estudassem com professores sem formação, pediram transferências dos filhos para as escolas da cidade, pois consideravam os professores da cidade que eram concursados e, portanto, não seriam dispensados a qualquer momento, o que gerava muita instabilidade, além disso, os pais julgavam que esses professores, geralmente concursados, tinham formação na área da educação, em contraste com os novos que chegavam contratados à comunidade. Pois, diferentemente das escolas da cidade, os professores que foram contratados para atuar na escola comunitária tinham apenas o Ensino Médio. Lembrando que isso era algo que já havia sido superado, pois, como mostramos, a comunidade já contava com educadores com formação em nível superior. Logo veio a falta de estímulos dos alunos que olhavam para esta nova realidade.

Além disso, a ausência de transporte por falta de pagamento dos barqueiros foi intensa, ocasionando muitos efeitos negativos na educação desses alunos, pois ficavam até semanas sem frequentar a escola, e quando tinha transporte, muitas vezes era o professor que estava ausente, porque residia na cidade. As lideranças locais insatisfeitas ainda fizeram diversas tentativas de mobilização, dentro da própria comunidade para reagir diante das irregularidades, mas algumas pessoas que eram ativas dentro do movimento educacional terminaram por se acomodar diante destas situações, pois não tinham nem vez e nem voz perante o opressor, como Freire discute:

Os oprimidos, contudo, acomodados e adaptados, imersos na própria engrenagem da estrutura dominadora, temem a liberdade, enquanto não se sentem capazes de correr riscos e de assumi-la. E a temem, também, na medida que lutar por ela, significa uma ameaça, não só aos que usam para oprimir, como seus “proprietários” exclusivos, mas aos companheiros oprimidos, que se assustam com maiores repressões (FREIRE, 1987, p.16).

Essas situações geraram reflexões importantes, pois, quando queremos mudanças governamentais é preciso estar atento às *novas* propostas. “Eu penso [...] que se for uma gestão que não tenha um histórico de luta social dentro do contexto do município dificilmente vai se respeitar todo esse processo de construção das escolas do campo” (BARBOSA, 2020, n.p.)

Desta forma, a comunidade percebeu o quanto as políticas e organizações locais são vulneráveis em relação à gestão governamental que não dialoga sobre o respeito à educação e a dignidade dos povos do campo. Ao fazer este estudo, que constou de um levantamento de diferentes pontos da história de formação de uma escola do campo numa comunidade de Gurupá, verificou-se que o empenho da gente do lugar, os familiares de alunos do campo, contou positivamente para lograr sucesso, ainda que submetidos a diferentes gestões municipais, cujo poder parece, por vezes, ter minado o maior alcance da escola em termos de seu potencial para uma educação do campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A qualidade da educação ofertada para o povo do campo sempre esteve no palco dos grandes debates em várias instâncias de poder, seja nacional, estadual ou municipal. E mesmo com algumas conquistas asseguradas em leis como a LDB, a educação brasileira ainda não é plenamente adequada para os povos do campo. Quando estudamos esse processo percebemos o quanto essa dívida se torna grande e longe de ser superada. Além disso, as leis só foram conquistadas graças aos movimentos organizados por partes dos próprios sujeitos que entendem a necessidade dessa adequação, o que demonstra respeito e afirmação da identidade camponesa e defesa de seus territórios.

Posso dizer com grande entusiasmo que o curso de Educação do Campo despertou-me o interesse em conhecer como aconteceu esse processo de conquista de uma escola do campo no município de Gurupá.

No estudo realizado, graças ao método da história oral foi possível reviver a luta de uma comunidade pelo acesso à educação em seus diferentes níveis. Essas memórias me fizeram atentar mais reflexivamente para minha própria história de vida e fortaleceram meu vínculo com o lugar ao qual pertenço. A cada momento em que as vozes rememoravam, eu me emocionava com os relatos, com a persistência e a força das lideranças que, embora se sentindo cansadas, ou muitas vezes vencidas pelo opressor, nunca desistiram de lutar. E aos poucos, as mãos calejadas pela enxada conheceram novos instrumentos como lápis e caderno, e perceberam que além do trabalho a educação também dignifica o homem, também é uma espécie de trabalho, intelectual, valioso.

Contudo, ainda existem muitas barreiras à educação do campo que, na realidade, se mostra ainda tão distante de suprir todas necessidades reais dos povos das águas e das florestas. Precisa-se, mais do que nunca, de políticas educacionais, currículos e práticas pedagógicas que considerem a cultura e a história local.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Formação de Educadores do Campo. Dicionário da educação do campo.** / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo alentejano e Gaudêncio Frigotto. – 2. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012.

BARBOSA, Félix de Souza. **Grupo de teatro amador Êxodo: Memórias Teatrais na cidade de Gurupá-Pá (1999-2011).** 2018.120 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro). Universidade Federal de Pará, PARFOR- GURUPÁ, 2018.

BEZERRA, José Denis Oliveira. **Memória cênicas: Poéticas Teatrais na cidade de Belém (1957-1990): memorialista** / Denis Bezerra. – Belém: IAP, 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velho/** Ecléa Bosi. – 3. ed. – São Paulo: Companhia de letras, 1994.

PALUDO, Conceição. **Educação Popular.** Dicionário da educação do campo. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo alentejano e Gaudêncio Frigotto. – 2. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012.

PANTOJA, Edgar. **Nossa luta, nosso povo** / Edgar Pantoja. – PA: Ed. Do Autor, 2016. 97 1p. : il.

Programa aA Festividade de São Benedito de Gurupá de 09 A 28 de Dezembro de 2015. Igreja do Xingu. 2015. 20 p.

HAGE, Salomão Mufarrej, **Por uma escola do Campo de Qualidade Social: transgredindo o paradigma (multi)seriado de ensino.** Em Aberto, Brasília, p. 97-113, abr. 2011.

HAGE, Salomão Mufarrej. **Educação do campo na Amazônia: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará** / Salomão Mufarrej Hage (Org.). - Belém: Gráfica e Editora Gutenberg Ltda, 2005.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos** / Sônia Maria de Freitas. 2. ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. 142 p.

FREIRE, Paulo, 1921. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire** / Paulo Freire; [tradução de Kátia de Mello

e silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Política e educação: ensaios** / Paulo Freire. – 5. ed. São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v 23).

LDB: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional** – Brasília. Senado Federal, Coordenação de edições técnicas, 2017. 58 p.

MAGALHÃES, Benedita Alcidema Coelho dos Santos, 1977- **Educação do campo, poder local e políticas públicas: a casa familiar rural de Gurupá-Pa, uma construção permanente**/ Benedita Alcidema Coelho dos Santos Magalhães; orientadora, Ney Cristina Monteiro de Oliveira. — 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOLINA, Maria Castagna. Políticas Públicas. **Dicionário da educação do campo**. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo alentejano e Gaudêncio Frigotto. – 2. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado: história oral**; tradução Lólio Lourenço. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORRES, Gilvandro dos Santos. **Gurupá: Uma conquista pelo povo**/ Gilvandro dos Santos Torres. -1 ed. –Belém [PA]: Paka Tatu, 2019. 194p.

OLIVEIRA, Lia Maria Teixeira de. CAMPOS, Maria. **Educação Básica do Campo**. Dicionário da educação do campo. / Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo alentejano e Gaudêncio Frigotto. – 2. ed. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão popular, 2012.

ENTREVISTAS REALIZADAS NA COMUNIDADE

BARBOSA, Francilene Pereira. **Entrevista**. Realizada em sua residência no bairro do horto / por Suzeli Barbosa. Gurupá, 2020.

BARBOSA, João de Souza. **Entrevista**. Gurupá. Realizada na sala de sua residência / por Suzeli Pereira Barbosa. Gurupá, 2020

BARBOSA, Luiz. **Entrevista**. Com 76 anos de idade, no momento da entrevista. A conversa foi realizada em sua residência, localizada no Rio Pucuruí Comunidade São José / Por Suzeli Barbosa. Gurupá, 2019.

BARBOSA, Raimundo. **Entrevista**. Com 75 anos de idade, a conversa foi realizada em sua residência, por Suzeli Pereira Barbosa. Gurupá, 2019.

PAIXÃO, Ismael de Jesus Barbosa. **Entrevista**. Essa entrevista foi realizada na sala de sua residência, localizada no Rio Pucuruí Comunidade São José /por Suzeli Pereira Barbosa. Gurupá, 2019.

PAIXÃO, Raimundo Sivaldo Barbosa. ***Entrevista***. Essa entrevista foi realizada no Barracão comunitário da Comunidade São José no Rio Pucuruí / por Suzeli Pereira Barbosa. Gurupá, 2019.

SANTOS, Maria Nair Fonseca dos. ***Entrevista***. Essa entrevista foi realizada em sua residência no Bairro do Horto / por Suzeli Pereira Barbosa. Gurupá, 2019.